

Resenha da atualidade

OTO FERREIRA ALVARES

Brasília é cidade símbolo concreto-místico, que dá ao homem a consciência da dimensão mística-concreta da inteligência cósmica. 21 de Abril, data comemorativa de sua inauguração, é também o dia nacional do ideário cívico, quando se comemora o martírio glorioso de Tiradentes, o protomártir da independência. Brasília é capital por destinação histórica e profética. No programa elaborado pelos "inconfidentes mineiros", em 1789, já constava a transferência da capital federal para o Planalto Central. Sob o aspecto místico, Dom Bosco teve um sonho profético sobre a construção de uma grande cidade, mencionando, inclusive, latitude e longitude. Brasília é, portanto, a concretização de um ideal cívico e de um sonho profético. E, como tal, é pólo de desenvolvimento que integrou a região Centro-Oeste ao desenvolvimento nacional, abrindo novas e promissoras fronteiras, agropecuária e industrial. Representa a mentalidade do futuro. Brasília é marco de independência de nossa engenharia de construção, sobretudo nas áreas de arquitetura e urbanismo. É um atestado do poder da vontade política, aliada à arte inovadora, concretizando a capacidade de um povo, numa obra que denota independência e arrojo. Nomes como Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Burle Marx, Bernardo Sayão, Israel Pinheiro, aliados a outros tantos nomes ilustres e anônimos candangos, pioneiros de uma epopéia revolucionária, representam, no cenário histórico, a altivez e coragem da gente brasileira.

Mas, infelizmente, há um outro lado que merece também ser visto. E os cito, aqui, como desagradado e repulsa a um momento episódico de crises, que reflete diretamente na capital federal. Brasília tem sido motivo de uma série de acusações infundadas, de cunho pejorativo, com o fim de desestabilizá-la como centro das decisões nacionais. Seria a capital da corrupção, a ilha da fantasia e outros títulos não menos depreciati-

vos. Brasília, se é hoje palco onde se representa tantas cenas indignas e deprimentes, é apenas o espaço físico que repercute os vícios e artifícios nacionais. E Brasília tem sido vítima de atitudes antipatrióticas e criminosas, muitas delas acobertadas pela tendenciosidade de grande parcela da mídia nacional. Como exemplos, citamos aqui, três fatos recentes: 1- a campanha difamatória que sofreu o metrô, obra das mais necessárias e humanitária — pela localização das cidades-satélites, distantes do Plano Piloto — é prova de má-fé, denotando desconhecimento do que é o Distrito Federal; 2- a ameaça de se cassar a autonomia política do Distrito Federal, e isso num clima de emoção e revanchismo; 3- a transferência provisória do DNER para o Rio de Janeiro. Felizmente, com a ida do General Bayma Denys para o Ministério dos Transportes, restabeleceu-se a lógica. Literalmente, foi interpretada a palavra provisória.

Deixemos a Brasília concreta e perscrutemos um pouco a Brasília mística. O seu traçado surge de uma cruz. Com a cruz, símbolo do cristianismo e de sua essência, acolhe centenas de credos religiosos, num ecumenismo palpitante e solidário. Viver ou estar em Brasília é participar do privilégio de envolver-se no mistério da sublimação cósmica. Os ares de Brasília infundem nos espíritos receptivos, a possibilidade de uma interação com o transcendental. Brasília é, assim, o símbolo místico-concreto, que dá ao homem a consciência do envolvimento do ser com a natureza.

Há ainda um outro lado de Brasília que não pode ser esquecido. O lado humano. Daquelles que a elegeram como o mais precioso dom desta vida. Brasília, para essas pessoas, está no âmago de suas vidas. E são milhares de pessoas. Seria injusto querer apontar nomes. A própria viúva do fundador, D. Sarah Kubitschek, agente solidária do seu marido, ainda é presença e ação, na história que testemunha a formidá-

vel epopéia. Os ilustres membros do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, o confirmam.

Igual se passa no meio intelectual. São inumeráveis as personalidades nesta área. Meu amigo, Guilherme Fagundes de Oliveira, poeta, trouxe a lume *Cantigas de Tempo Novo*. Linda, a sua Prece Natalícia a Brasília. Dela extraímos: "Salve Brasília! Encruzilhada do passado e do futuro, saudando a paz/ em tempo de bondade".

Mas é José Santiago Naud, Professor e "Gaúcho-candango", o elemento indicado para representar a intelectualidade brasiliense. Em Brasília desde abril de 1960, veio a integrar o grupo docente que, em 1962, fundou a Universidade de Brasília. Em 1973, por indicação do Presidente do Senado, Petrônio Portela, ingressou no Ministério das Relações Exteriores, nas funções de diretor do Centro de Estudos Brasileiros, em vários países. Passou a ser o "candango-gaúcho", cidadão do mundo. Pois, ele acaba de lançar o livro "O Olho Reverso. 7 poemas mexicanos e um falso hai-kai." Além dos poemas, de uma sensibilidade indescritível, o livro é uma síntese literária deste extraordinário poeta, que também celebra a cidade e traz depoimentos das mais expressivas figuras da intelectualidade nacional, como o do imortal Carlos Drummond de Andrade. No Prólogo, Antônio Roberval Miketen assim se pronuncia: "Sem favor, José Santiago Naud merece, desde há muito, ser incluído entre os grandes poetas americanos deste século. Brasília o tem há 33 (34) anos: ele estará nos trunfos do seu futuro."

Está aí a mensagem que poderíamos prestar à Brasília, também a nossa eleita. Parabéns ao povo candango, raça síntese da brasilidade pura.

Vivamos o presente voltados para o futuro, mas com os pés no passado.

■ Oto Ferreira Alvares é oficial da reserva do Exército e escritor